

A) 12450

Caderno Dois

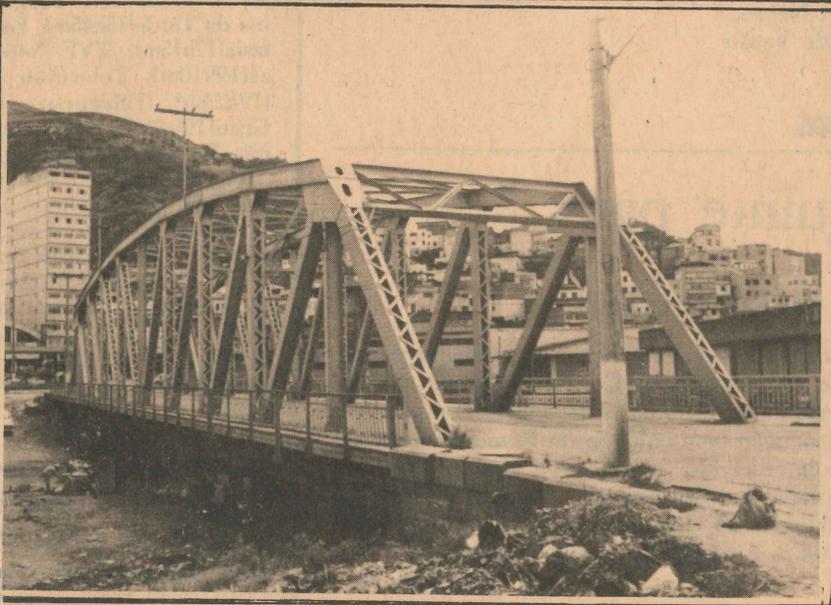
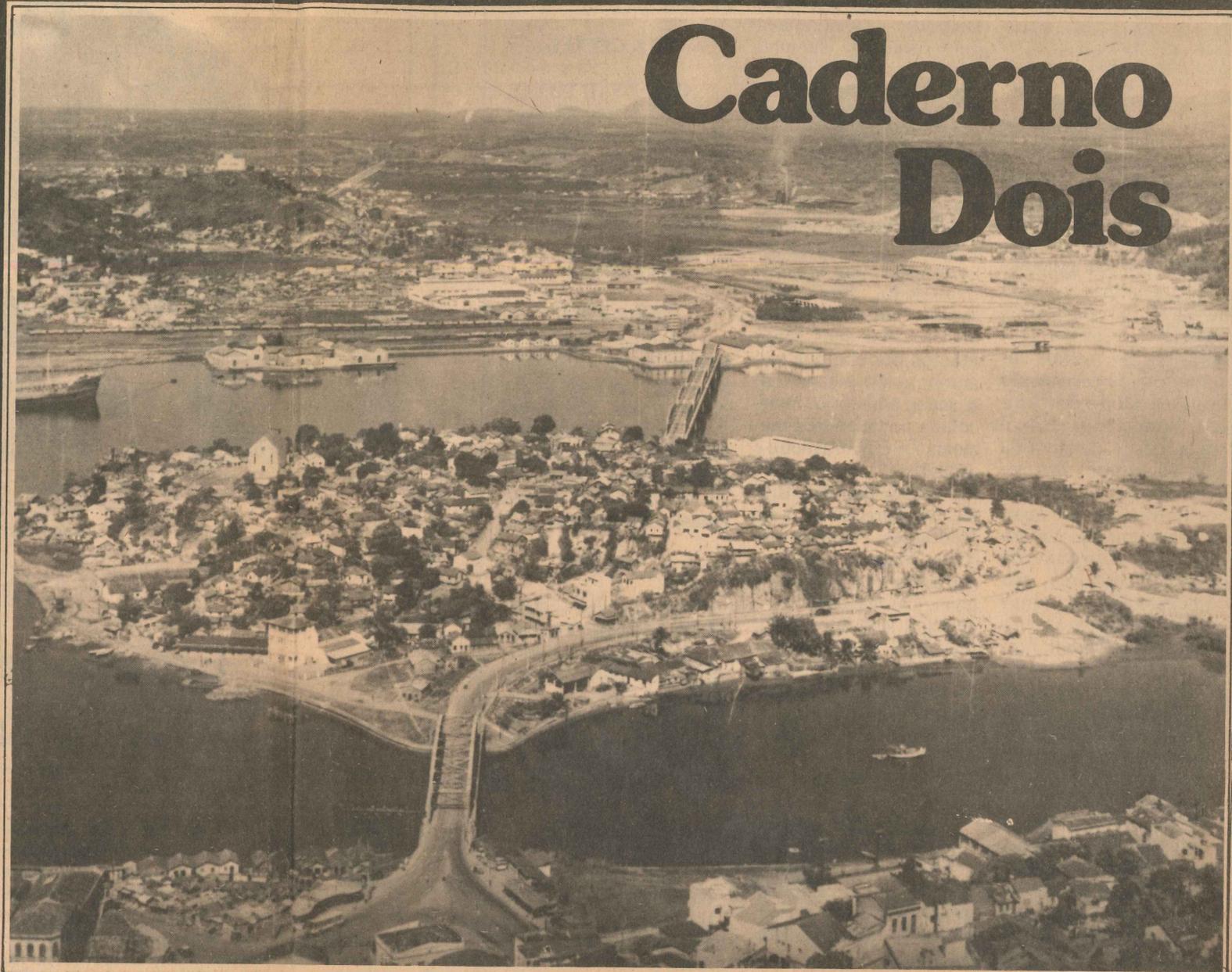
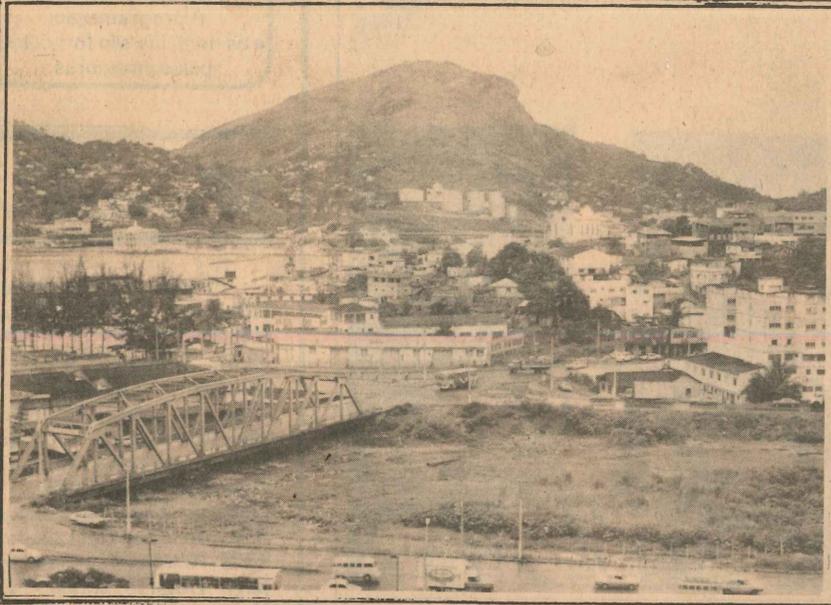


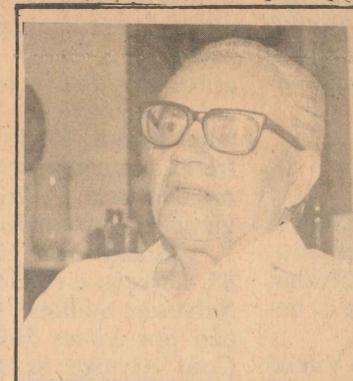
Foto: Nestor Muller

Foto de José A. Magnago

QUEM QUER A "PONTE SECA" ?

A história do Espírito Santo bem que podia ser dividida em antes e depois da Ponte Florentino Avidos, hoje "Cinco Pontes" e "Ponte Seca". Ela serviu para tanta coisa e a tantas pessoas que, passados quase 60 anos de sua inauguração, é, hoje, objeto de discussão e lamentos. Em vias de ser tombada como patrimônio histórico, por sugestão do vice-presidente do Conselho Estadual de Cultura, Fernando Achiamé, vive como cão sem dono. A "Ponte Seca", em pior estado, que serviu durante tantos anos como passo importante do Estado para o progresso, agora serve de guarita de mendigos. E cheira a urina... Instalada na entrada de Vitória, para quem chega

do sul, oferece um espetáculo deprimente aos olhos de todos. Melhor seria que fosse desmontada e instalada em outro lugar, onde voltasse a ter utilidade como ponte e novamente representasse progresso (e até lazer) para as pessoas. Onde está (e do jeito que está), é sinônimo de abandono e miséria, rejeitada pelo governo do Estado e pela antiga Administração do Porto de Vitória, hoje Companhia Docas do Espírito Santo. Se uma providência prática (e não apenas burocrática) for tomada imediatamente, o mais certo é que a "Ponte Seca" se transforme em ferro velho e seja oferecida em leilão de sucatas. Tristemente...



Para o poeta e historiador Elmo Elton, seu abandono é "um caso de infidelidade e descaso do governo"

Conselho, como diz, incentivar o governo do Estado na sua conservação, com a supervisão do órgão.

A "Ponte Seca", acrescenta Bittencourt, tem que servir de mostruário para gerações futuras porque reflete um momento importante de ascensão do Estado, em função da exportação do café, "que deu tudo ao Espírito Santo". E recorda que o Estado chegou a depender mais de 90% do café. Hoje, cerca de 40% da receita do governo vem do café. E a ponte, todo mundo tem que...

Fernando Achiamé é o autor da proposta de tombamento da "Ponte Seca" pelo Conselho Estadual de Cultura



Sandra Aguiar

Enquanto todas as atenções estão voltadas para a Terceira Ponte, cujas obras atingem o pique total de acabamento, a Ponte Seca, na Vila Rubim, extensão da Florentino Avidos, padece de um mal crônico: o abandono. Aquela que foi a quarta grande construção do Estado, segundo Eurípedes Queiroz do Valle, virou, nada mais, nada menos, que um albergue, asilo de mendigos. Virou depósito de lixo e mic-

Enquanto todas as atenções estão voltadas para a Terceira Ponte, cujas obras atingem o pique total de acabamento, a Ponte Seca, na Vila Rubim, extensão da Florentino Avidos, padece de um mal crônico: o abandono. Aquela que foi a quarta grande construção do Estado, segundo Eurípides Queiroz do Valle, virou, nada mais, nada menos, que um albergue, asilo de mendigos. Virou depósito de lixo e micróbio público.

As mil e uma utilidades que um certo produto diz ter, aplica-se muito bem à história da ponte. Há quase 60 anos sua estrutura, comprada na Alemanha da fábrica Masanenfabric Augusburg Nurnberg, pelo governo de Florentino Avidos, foi montada a fim de viabilizar a ligação entre Vitória e o continente, a construção do porto e impulsionar a economia do Estado, baseada na exportação do café. Ela cumpriu fielmente o seu papel e ainda serviu, de quebra, durante anos, como excelente lugar de lazer.

Depois que aterraram aquela região, muita coisa mudou. A cidade ganhou outra fisionomia, ficou menos bela. E trataram de dividir a Florentino Avidos em duas, como se não tivesse um só corpo, com cabeça, tronco e membros. Ela virou a

Foto de Romero Mendonça



O professor João Batista Herkenhoff entende que a ponte representa a "simbologia da chegada"

"Cinco Pontes" e a "Ponte Seca", espécie de irmãs gêmeas. E, o que é pior ainda, parece órfã de pai e mãe.

Com relação a sua conservação, há aproximadamente seis anos não é feita. Ela era de responsabilidade do Porto de Vitória, mas com a transformação da APV em Companhia Docas do Espírito Santo, não foi incluída no patrimônio da nova empresa. E, alegando falta de recursos, o governo Gerson Camata tentou eximir de qualquer compromisso em relação a ponte, cobrando providências da Portobrás.

Faltando poucos dias para ser tombada, a pedido do vice-presidente do Conselho Estadual de Cultura, Fernando Achiamé, pode ser que a "Ponte Seca" receba o trata-

mento que merece. A cada dia que passa, parece mais velha, mais enferrujada. O seu processo de deterioração aumenta, atingindo o vão conhecido por "ponte Seca". As vigas de sustentação do piso das passarelas estão mais corroídas; as principais, também. As reclamações dos comerciantes, que acompanham de perto o drama da ponte, ainda incluem vazamentos de tubulações da Cesan, infiltrações e necessidade de pintura urgente.

Em mensagem enviada ao Legislativo da época, o presidente Florentino Avidos informava o orçamento de 5.595:652\$ 123 para a construção da ponte fora aprovado pelo governo da União através do decreto número 17.298 de 22 de abril de 1926. O peso da ponte: 2.804 toneladas. De largura: 8,4 metros de eixo a eixo das vigas principais.

Maria Stella de Novaes lembra em História do Espírito Santo que o então presidente eleito da República, Washington Luis, veio no dia 6 de julho de 1926 para o lançamento da pedra fundamental da ponte. Aproveitou a ocasião para percorrer as estradas de automóvel, da Serra e de Itaquari, até Santa Leopoldina.

Os operários que ajudaram a construir a Florentino Avidos lembram da dificuldade daquele tempo em que o país enfrentava uma crise tremenda. Lembram que havia uma grande correnteza que impedia a fixação do principal pilar da Ponte Seca. Lembram do presidente Florentino Avidos enterrando uma caixinha de vidro, com cinco libras esterlinas de ouro, no lançamento da pedra fundamental da ponte. Dinheiro que continua até hoje no fundo do mar.

Os operários trabalhavam 12 horas por dia. Muitos morreram dentro dos caixões de ar comprimido. Quando as duas pontes metálicas foram inauguradas na Ilha do Príncipe, muitos lembram, não havia mais que uns 30 barracos de madeira, estuque, lona ou esteira, cobertos de sapé. Existia apenas uma casa de tijolos, a da Capitania dos Portos, e duas outras de madeira,

bem construídas: a do antigo isolamento de leprosos e a da Société de Construction du Port du Bahia, que trabalharia na construção do Porto.

Com o término da ponte, dois mil operários que lá trabalhavam ficaram desempregados. Eram sergipanos, paraibanos e baianos que engrossaram uma imensa fileira de marginais e que tornaram a Ilha do Príncipe reconhecida como recanto de bandidos e prostitutas.

Para o escritor Elmo Elton, vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo e secretário da Academia Espírito Santense de Letras, a ponte teve a sua utilidade e continua tendo. O seu abandono "é um caso de infidelidade um descaso do governo para com uma obra de tamanha importância para o progresso do Estado.

Antes de tudo, segundo ele, a ponte foi um dos veículos que impulsionou a economia capixaba, que ligou a capital ao continente e, finalmente, no tempo em que a Ilha do Príncipe realmente era uma ilha, um grande atrativo, ponto obrigatório de passeios: "No tempo das regatas as pessoas assistiam a disputa lá de cima. Em vez de fazer o percurso de lancha faziam a pé", lembra, saudosos, o escritor.

Durlante algum tempo afastado do Estado, Elmo Elton reagiu com surpresa ao voltar e rever a "Ponte Seca": "Aquilo hoje é morada de mendigos... A baía de Vitória foi destruída com tanto aterro. Hoje eu não vejo mais a baía, só quando passo de carro", acrescenta ele.

O jurista e professor universitário João Batista Herkenhoff diz que a "Ponte Seca" é um patrimônio histórico de Vitória e como tal tem que ser preservada. Para ele, a ponte tem uma simbologia específica: representa sempre a chegada, em suas idas e vindas de Cachoeiro de Itapemirim. A "Ponte Seca" sempre o saudou com ares de boas vindas.

A ponte, como muitas outras coisas da cidade, ele entende que têm que ser "melhor olhada". E justifica: "A cidade está sendo devastada, desrespeitada em suas ca-

desmontada e instalada em outro lugar, onde voltasse a ter utilidade como ponte e novamente representasse progresso (e até lazer) para as pessoas. Onde está (e do jeito que está), é sinônimo de abandono e miséria, rejeitada pelo governo do Estado e pela antiga Administração do Porto de Vitória, hoje Companhia Docas do Espírito Santo. Se uma providência prática (e não apenas burocrática) for tomada imediatamente, o mais certo é que a "Ponte Seca" se transforme em ferro velho e seja oferecida em leilão de sucatas. Tristemente...

racterísticas; os pedaços de espaço que têm dentro de si história, estão sendo destruídos".

Na ponte, revela Herkenhoff, existem "milhares de biografias". Por isso tudo, "destruir ou abandonar qualquer monumento histórico é falta de cultura", lamenta. Ele esclarece que não é contra o progresso, só acha que "a gente pode conciliar as coisas". O professor não sabe por que a ponte está abandonada, só sabe que não pode continuar nesse estado. "Está na hora de se alimentar em Vitória a consciência de defesa da fisionomia da cidade. Existem vândalos, espalhados por aí, capazes de destruir até a catedral para construir um espigão no local".

Waldemar Mendes de Andrade, ex-presidente da Assembléia Legislativa, hoje desembargador aposentado, atribui o progresso do Estado a Ponte Florentino Avidos. Por isso mesmo o governo tem nas mãos a grande responsabilidade de mantê-la em bom estado de conservação. Ele, que viu a ponte ser construída, afirma que a sua ligação com ela é sentimental.

Waldemar Mendes tinha apenas 15 anos na época em que viu colocar o primeiro vão da ponte. E não mede palavras para expressar a importância da ponte. Lembra fatos valiosos de sua vida, como o ano de estudos que perdeu porque chegou atrasado em Vitória para fazer sua inscrição. Teve que fazer o percurso até o local, de bote. A ponte já fazia muita falta.

A "Ponte Seca" tem que ser preservada, na sua opinião, por uma questão de zelar pela fisionomia da cidade. "Ela foi motivo de desenvolvimento até a construção da Segunda Ponte, no governo de Eurico Rezende. Eu não tinha idéia do seu valor material, mas senti que antes dela Vitória não passava de uma pequena aldeia..."

Gabriel Bittencourt, membro do Conselho Estadual de Cultura, lamenta que somente agora, já bastante danificada, a ponte venha a ser tombada. O tombamento deverá mantê-la, pelo menos, do jeito que está, segundo ele, para que não seja descaracterizada totalmente. Caberá, então, ao

Conselho, como diz, incentivar o governo do Estado na sua conservação, com a supervisão do órgão.

A "Ponte Seca", acrescenta Bittencourt, tem que servir de mostruário para gerações futuras porque reflete um momento importante de ascensão do Estado, em função da exportação do café, "que deu tudo ao Espírito Santo". E recorda que o Estado chegou a depender mais de 90% do café. Hoje, cerca de 40% da receita do governo vem do café. E a ponte, todo mundo tem que anotar no seu caderninho de memórias, representou a redenção para escoamento da produção do café, urbanizou Vitória, possibilitou a ocupação do interior...

Sobre o tombamento da ponte, Fernando Achiamé prevê que possivelmente, em março ocorrerá. O processo está em tramitação desde o início do ano passado e demorou em seu encaminhamento porque o Conselho Estadual de Cultura ficou esperando que se definisse o proprietário da Ponte. Seria o governo do Estado ou a Co-des?

A Comissão de Legislação e Normas do Conselho concluiu no final de 85 que é do governo do Estado porque foi construída pelo governo de Florentino Avidos. Agora, falta só a Comissão de Artes e Patrimônio se reunir, aprovar a



O desembargador Waldemar Mendes de Andrade viu ser construída e trazer progresso para a cidade

proposta de Achiamé e encaminhá-la ao plenário do Conselho.

Será que será devidamente sacramentado o tombamento? Achiamé não tem dúvidas. Desde 80 o Conselho vem pedindo a conservação da ponte e o governador Gerson Camata, informou, está em vias de conseguir dinheiro do Ministério dos Transportes para esse fim.

Para Achiamé, não basta que a Ponte Florentino Avidos seja conservada. O importante, segundo pensa, é que seja também valorizada, já que será tombada como patrimônio ambiental. Se bem iluminada serviria como ótimo cartão postal do Estado, na sua opinião. Da mesma forma que a Torre Eiffel é para a França. Oui, monsieur?